

CUIDADO
QUE ELA BATE

O QUE VOCÊ É ENFIM?

ONDE VOCÊ TEM PAIXÃO?

SEGUE POR AÍ

EU NÃO SOU NINGUÉM DEMAIS

E VOCÊ TAMBÉM NÃO É

É SÓ RODOPIAR

EM BUSCA DO QUE É BELO E VULGAR

CÍCERO, *Tempo de Pipa*.

SUMÁRIO

I

BASTIDORES DE UM RETRATO, 9

II

ARREDORES DO ENFOQUE, 25

III

A LUZ IDEAL, 41

VI

GALERIA DE MOMENTOS, 59

BASTIDORES DE UM RETRATO

O retratar é cheio de mistério e complexidade, uma mesma imagem pode significar muitas coisas diferentes. Apesar de ser uma representação do presente, há um esboço do passado e curiosidade sobre o futuro. O olhar proposto nestas palavras é para o hoje – dias do segundo semestre do ano de 2017. Sou aluna de Gisèle Santoro há seis anos, ela me inspira com histórias, trejeitos, atitudes e decisões. Mas não vou necessariamente falar em ordem cronológica, tampouco contar tudo de interessante sobre ela, este é um retrato. Estou restrita ao que posso ver, alimentado por lembranças e curiosidades. Quem é Gisèle Santoro hoje?

PRÉ HISTÓRIA

Quando a vi pela primeira vez era um dia chuvoso, os cabelos pretos levemente rabiscados por fios brancos, os olhos escondidos pelos óculos e passos curtos, mas nem sempre lentos, vieram até mim e meus pais para desejar boas vindas e acertar o pagamento das aulas de balé. Ela é sempre muito simpática com os pais, quer dizer, sempre é uma palavra muito forte. Mas desde então eu sentia que ela seria importante na minha vida, assim como parecia importante para os outros que estavam naquela sala no centro de dança.

A aula começou e foi a primeira vez que dividi esse momento de doação que a tia Gi, como é chamada pelas alunas, proporciona e exige. Ainda que às vezes ela tire um cochilo entre um passo e outro e precise ser acordada por alguma aluna mais corajosa ou pelo som da música que não foi pausada. Ela está ali pelos alunos, atenta a presença e dedicação de cada um. É uma pessoa que nem todos compreendem. Por vezes, de difícil convivência e sempre complicada de convencer. Uma mulher que pensa diferente, se dedica com garras e dentes ao que escolhe fazer e que ama com intensidade e devoção.

Sempre a ouço falar da criança que foi, da jovem determinada e da vida com a família durante o exílio na Alemanha. Pouco a vejo olhar para si hoje. Gisèle parece levar uma vida que se baseia em um passado maravilhoso, um presente cruel e um futuro muito curto. Talvez o passar do tempo tenha lapidado a existência pelas decepções e perdas e condicionado uma estrutura em que a esperança é escassa.

Viveu em boas condições com a mãe e os três irmãos homens. Os pais se separaram quando era muito nova, em tempos que o divórcio não era legalizado no Brasil. Na infância oscilou entre a família materna no Rio de Janeiro e a casa do pai em Petrópolis, e ela não

podia falar sobre os pais não estarem juntos, era uma mentira que lhe fazia mal. Contudo, a madrasta é considerada uma segunda mãe, só oito anos mais velha que Gisèle. Foi uma presença importante, aberta a esclarecer as coisas da vida que não eram conversadas em casa.

Conta da mãe como quem a obrigou a ser acompanhada pela babá até os 18 anos, e do pai como quem a incentivava a compor, a criar pequenas versões de música. As histórias sempre são mais leves e divertidas com o pai, a mãe era rigorosa e muito ocupada com o trabalho. Cita as mulheres da família materna com uma admiração enorme, a tia e a mãe eram grandes profissionais e não se submetiam a homens, mulheres pioneiras para seu tempo. Estava sempre na casa da avó, cercada de terrenos vazios à beira do morro da Rocinha. Conta da infância como momento muito feliz entre os irmãos, primos, filhos das empregadas, amigos e a natureza que a cercava. Diz que nunca gostou de “coisas de menina”, sempre jogava com os meninos ou ocupava o tempo a ler e criar arte.

Descende de uma família francesa, que construiu no Brasil uma trajetória de muita participação política. O avô paterno, Inocêncio Serzedello Corrêa, chegou a ser ministro no mandato de Floriano Peixoto. O pai, Jayme de Saint-Brisson Serzedello Corrêa, era fiscal do Banco do Brasil, era conhecido pela generosidade ao instruir as pessoas e prevenir multas. A mãe, Luzia Velasco Portinho, trabalhava na Câmara dos Deputados, e esteve entre os primeiros moradores de Brasília. A família tinha boas condições financeiras, e ofereceu para Gisèle uma criação culta, de qualidade e muito comprometida com o envolvimento social e com a ética.

Gisèle conta que se achava uma decepção para a mãe, que gostaria que a filha fosse mais vaidosa e feminina, mas desde criança gostava da agitação e não de brincar de bonecas. Nas reuniões em família, procurava se sentar perto das pessoas mais velhas para ouvir sobre

política, economia e outras generalidades. Tinha uma curiosidade infinita e passava grande parte do tempo lendo, não queria ir ao salão de beleza, até hoje não gosta.

Aos oito anos Gisèle teve tétano, infecção que matava muito naquela época. A doença afeta diretamente o sistema nervoso, e causa espasmos, paralisias, rigidez e dor. O contágio foi através do vírus na própria vacina. Ficou parálitica por duas semanas, e impossibilitada de fazer atividades físicas por um bom tempo da infância. Mas gostava de se mexer, sempre dançou, colocava um disco e começava os improvisos, se emocionava com tudo que a música a fazia sentir e até se escondia atrás da cadeira de balanço para não conter as lágrimas. Estudou piano, quando chegavam visitas o pai a pedia para tocar, o que muitas vezes ela se recusava a fazer, queria mostrar dança.

INÍCIO NA CARREIRA

A mãe de Gisèle sugeriu a filha que fizesse aulas de balé, quando tinha 15 anos, para ver se pegava algum “jeito de moça”. Ela adorou a ideia e acreditou que poderia ir logo para uma aula avançada, pois tinha dançado a vida toda. Ao chegar à academia de dança, acontecia uma aula ministrada por Nina Vertinina. “Olhei, olhei e conclui que deveria mesmo ir para uma turma iniciante!”, diz Gisèle, em meio a sorrisos.

Ao conhecer o balé encontrou o primeiro grande amor, dedicava cerca de seis horas a aulas todos os dias, gastava toda a mesada com livros sobre a técnica, estilos e música e passou a viver em prol de se aprimorar e entender melhor o próprio corpo e a dança. Em um prazo de quatro anos foi contratada como bailarina na companhia do

Teatro Municipal do Rio de Janeiro, dava aulas e se destacava pela graciosidade e entrega para dança.

Mesmo com a rotina intensa de aulas e treinamentos Gisèle cursava línguas neolatinas na Faculdade Nacional de Filosofia do Rio de Janeiro. Gostava do curso, pois desde criança queria ser escritora. Mas o trabalho com a dança foi exigindo mais espaço e dedicação e ela teve que abandonar a graduação antes de concluir. A família temia a entrada dela na vida artística, mas logo reconheceram o talento e a paixão da jovem e se contagiaram. A mãe chegava com várias propostas de empregos bem remunerados, levava ela para conferências e demonstrava sutilmente que ser bailarina não era uma profissão digna para aquela família. Só quando começou a dançar que Gisèle descobriu que tinha uma prima bailarina, que havia sido deixada de lado pela família, por conta da profissão.

O balé tem um padrão físico muito específico, pernas e braços longos, flexibilidade e magreza extrema e este não é o perfil de Gisèle. Além disso, o tétano deixara vestígios na musculatura, que não cedia facilmente aos exercícios de flexibilidade. A bailarina sentia fortes dores e precisava se dedicar intensamente aos alongamentos, levantar a perna a noventa graus era um grande desafio para ela, enquanto para a grande maioria não é. Contudo, a força de vontade passou por cima dos preconceitos e das próprias limitações. Desenvolvia com atenção e rapidez o que era pedido pelos professores, trabalhava os braços e as posições minuciosamente e girava com muita facilidade. Ela aprendeu a exaltar as qualidades e possibilidades e ignorar as barreiras.

Ao ouvir críticas ou comentários negativos a bailarina pensava: “Ah é?! Me espera!”. Acredita na própria inteligência e sempre que se dedicou verdadeiramente a alguma coisa ela conseguiu alcançar. Desde criança, quando tinha preguiça para estudar e era pressionada

pela mãe ou por professores, se dedicava um pouco e tirava a nota máxima. Gisèle tem uma autoconfiança de dar inveja e que pode ter um tom de arrogância e superioridade. A criação que teve, rodeada de privilégios, incentivos e pessoas para se inspirar é um dos grandes motivos para essa característica.

Aos 22 anos casou-se com Oscar Castro Neves, um ano mais novo que ela. Gisèle conta que gostava de conversar e conviver com pessoas mais velhas, mas Oscar se destacava por inteligência, simpatia e talento. Conta dele com muito carinho, dizendo que eram grandes amigos e que viveram bons tempos juntos. Acompanhavam o crescimento artístico um do outro. “Éramos dois sonhadores, dois bobocas!” Uma das fotos em destaque na casa de Gisèle é com ele, um parceiro sorridente e bonito.

Dentre os padrinhos de casamento de Gisèle e Oscar estão Vinícius de Moraes e Maria Lúcia Proença, a quarta esposa do poeta e músico. Oscar e Vinícius eram grandes amigos e viveram o nascimento da Bossa Nova no Rio de Janeiro. Gisèle lembra que iam para a praia de Copacabana na madrugada e ficavam a produzir música e curtir banho de mar. A vida era agitada, não podiam chegar a uma festa e aparecia um violão para Oscar tocar e a esposa acompanhar com a voz. “Era um inferno, nós nunca podíamos curtir a festa”, diz Gisèle, em tom de brincadeira. Em um dos convites inusitados de Vinícius durante a madrugada, Gisèle e Oscar se depararam com uma visita especial, passaram a noite com Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre a debater arte, cultura, música e a vida.

Gisèle saiu do Teatro Municipal em 1962 a convite de Eugenia Feodorova, grande mestra russa que estava montando uma companhia com alguns dos principais bailarinos do Rio. A partir daí começaram uma amizade que mudou o destino de Gisèle. Feodorova disse para ela uma vez: “Gisèle, você sabe que você nunca vai ser a

bailarina que você quer ser? Bailarinas têm muitas, mas só você está aqui para me substituir”. Na época a jovem só queria dançar e não deu muito valor às palavras da professora, mas hoje sente orgulho por Eugenia, que é uma referência e inspiração, ter enxergado isso nela.

Uma das viagens do corpo de baile foi bem especial, dois casais foram escolhidos para dançar na inauguração de Brasília, em cima do Congresso Nacional. E pouco depois Gisèle voltava à capital para dançar em um espetáculo contratado, com música de autoria e regência de Claudio Santoro, que havia convidado a amiga, Eugenia Feodorova, para coreografar. Gisèle cita seu encontro com Claudio como “paixão à primeira dança”. Sentiram uma atração muito forte um pelo outro e os 20 anos de diferença de idade eram só um detalhe.

Imagino que a convivência com pessoas como Vinícius de Moraes e com todo o contexto artístico da época fortalecia a ideia do amor como uma força absoluta e irreversível. A personalidade decidida e certa que ela carregava desde criança ganhou ainda mais força no contexto de modernização dos anos 50, do espírito nacionalista e da busca por identidade cultural. A Bossa Nova, os malandros e toda a empolgação da juventude. O encontro com Claudio Santoro foi feroz e intenso como aquele momento na história.

Ao chegar ao Rio, Gisèle conversou com Oscar, o esposo, e disse que havia se apaixonado. A resposta dele foi: “Se eu fosse mulher também me apaixonaria por Claudio Santoro!”. Os dois continuaram a conviver como amigos, mas a separação foi complicada. Gisèle chegou a tomar remédios em tentativa de suicídio, pois não conseguiria conviver com o sofrimento de Oscar. Mas ele a impediu e saiu de casa, em nome da saúde dela e do afastamento. Divorciaram-se e mantiveram a amizade por toda a vida de Oscar, falecido no ano de 2013. Após o divórcio o músico mudou-se para os Estados Unidos,

onde estabeleceu uma carreira de sucesso e foi um dos responsáveis por levar a Bossa Nova para o exterior.

A VIDA COM CLAUDIO

Um ano depois o casal apaixonado morava sob o mesmo teto. Era o início do segundo grande amor da vida de Gisèle Santoro. Ao falar de Claudio ela fica diferente, começa a confundir o passado com o presente e parece que o sangue corre mais rápido pelo corpo gerando uma empolgação que vai para as mãos, passos e palavras. Gisèle ia construindo a carreira como bailarina para acompanhar Claudio nas turnês e na agenda sempre cheia de compromissos e eventos.

Claudio Santoro nasceu em Manaus, onde se destacava desde criança pelas habilidades e afinidade com a música. Estudou violino e aos poucos se aproximou da composição, posteriormente começou a reger orquestras. Santoro teve momentos diversos de produção musical, mas tinha um talento considerado por muitos como surreal. Era muito estudioso e intelectual, dizia que ouvia a música na cabeça e depois colocava no papel. Dedicava ao trabalho a maior parte do seu tempo. Após o primeiro casamento, com Maria Carlota Horta Braga, e três filhos, esteve na Europa, um tempo para muito estudo e reconhecimento.

De volta ao Brasil, em 1950, deu início a uma nova fase de produção inspirado nos ritmos folclóricos brasileiros. Mais tarde, em 1960, compôs a sétima sinfonia em homenagem a inauguração de Brasília e aumentava sua relação e carinho para com a cidade, sendo convidado em 1962 para se tornar o coordenador de assuntos de música, professor titular de composição e regência, e chefe do

Departamento de Música da Universidade de Brasília. . Foi neste período que conheceu Gisèle.

Ter dividido a vida com Claudio é provavelmente o ápice das conquistas de Gisèle, ela é fascinada pelo homem que ele foi e cega de amor pelo artista. Quando está contando sobre a vida deles afirma que como marido, pai e companheiro ele talvez pudesse ser substituído, mas “aquele momento divino em que ele se sentava ao piano, e todo ele era isso, todo ele era música, ninguém pode me dar”. Tudo que ele produziu em arte é considerado um pequeno pedaço de alma para Gisèle, e a alma dela ia ao encontro disso, “todo o resto é superficial quando duas almas se encontram, é o céu na terra”.

Em 1964, nasceu a primeira filha do casal, que recebeu o mesmo nome da mãe, como uma forma de homenagem de Claudio para a esposa. A essa altura o maestro se dedicava a criação do Departamento de Música da Universidade de Brasília (UnB), função que empenhou com grande apreço e gerou um sonho compartilhado pelo casal. Os dois se sentiam responsáveis por movimentar a arte em Brasília, e criaram um planejamento que incluía desde escolas primárias até uma formação profissional, para o ensino da música, da dança e fomentação da cultura. Trabalharam nisso, contudo, em 1965, Claudio se demite da UnB por discordar da demissão de vários de seus integrantes (280 docentes) pelo governo militar.

Gisèle fala desse primeiro período em Brasília com muito afeto, acompanhava Claudio na criação do departamento e chegou a estudar música na UnB por quatro semestres. Nos dias de concerto o auditório da universidade não comportava o público, as janelas eram abertas e as pessoas se acomodavam no gramado aos arredores para ouvir a música. “A cidade inteira vinha, era um evento”, nas palavras de Gisèle. No ano do golpe militar Eugenia Feodorova veio a Brasília

para criar uma companhia de dança profissional na qual os membros seriam responsáveis por ensinar dança nas escolas e produzir para o cenário cultural. No dia da audição os aeroportos foram fechados por conta da movimentação política e bailarinos de todo o Brasil não puderam comparecer ao teste. Somente duas bailarinas de Brasília estavam presentes, e não foram aprovadas.

O EXÍLIO

Claudio se declarava abertamente como comunista, os militares ofereceram oportunidades de trabalho e acordo, mas ele precisava apoiar o governo para se redimir ou até sair do país por um tempo até a confusão se acalmar. Ele nem cogitou a ideia. Depois de ameaças e até de ter o apartamento invadido, o casal entendeu que o exílio seria a melhor escolha. Claudio se candidatou para ser artista residente do Künstler Programm em Berlim, pela Ford Foundation e pelo governo da Alemanha. E foi aprovado.

O sonho com a capital ficou na gaveta durante os dez anos de exílio, mas não foi esquecido. Os três filhos nasceram no Brasil, e Alessandro no Rio de Janeiro, Gisèle em Brasília e Raffaello também no Rio de Janeiro. A última gravidez de Gisèle era de alto risco, e foi sugerido o aborto pelos médicos na Europa. Ela decidiu voltar com o seguinte pensamento: “Se for para morrer, prefiro morrer no Rio, perto da minha mãe.” Abortar não era uma opção para ela, criada em berço católico.

Sempre se refere aos pais como mamãe e papai, e os filhos se referem do mesmo modo a ela e ao Claudio. Há um carinho e respeito muito grande por trás dessa expressão. A relação com a família é sagrada, mas há um toque peculiar no relacionar deles. Sinto-me em território estrangeiro ao estar bem próxima da família

Santoro, uma cultura diferente da brasileira, o amor é evidente e intenso, mas não é escancarado. As necessidades e prioridades são diferentes do que estou acostumada, crianças são tratadas como pequenos adultos, não há muito mimo, apego ou superproteção. Gisèle e Claudio criaram os filhos para a independência e começavam sendo o exemplo.

O tempo na Alemanha é lembrado como o momento mais feliz da vida de Gisèle Santoro. Ela e Claudio movimentavam a vida cultural da pequena cidade de Schriesheim, na Alemanha, com população de seis mil habitantes na época. Os filhos foram alfabetizados lá, e aos poucos a família foi acolhida e se sentiam em casa. Gisèle ama contar sobre o genial sistema de ensino alemão e sobre como as coisas funcionavam bem. Saúde, educação e segurança eram garantidos pelo Estado, e os projetos que apresentavam eram ouvidos e muitas vezes executados. Começou a dar aulas de balé em um espaço cedido pela escola, e logo tinha um grupo que viajava para se apresentar nas cidades vizinhas.

O programa de estudos e trabalhos de Claudio envolvia o encontro com vários artistas de diversos países. Gisèle conta saudosa que as conversas eram muito interessantes, a troca de informações e a reflexão destes encontros geraram moldes para a visão de arte e de mundo dela. Viveu de perto e ativamente os processos de criação do marido, assim como ele vivia os dela. Claudio pintava quando criança, junto com a mãe, e sentiu vontade de pintar novamente, mas tinha medo de se dedicar muito e abandonar a música. Gisèle comprou as tintas e disse a ele que largasse de loucura, a música nunca sairia dele.

Outras histórias que Gisèle ama contar são as dos filhos, as três crianças mais inteligentes do universo. Ela fala com devoção e orgulho de cada conquista deles. Quando bebês, Giselinha olhava

tudo com atenção, Alessandro colocava as coisas na boca e Raffaello encostava no lugar onde teria sido o terceiro olho do homem, a testa. Claudio cuidava só da parte tranquila, era ela quem tinha que botar ordem na casa. É dura com os filhos, o mais novo, apelidado de Raffa, diz que o ensino de música e dança era obrigatório, quase um sistema militar.

Os três estudaram dança com ela e tocavam algum instrumento, sabem ler partituras e entendem de teoria musical e de dança clássica. Giselinha seguiu carreira na dança, tendo sido primeira bailarina de uma companhia na Alemanha por quinze anos. Alessandro gostava de dançar e tinha muito talento, mas acabou deixando a carreira para se dedicar a estudar música, na União Soviética. E o Raffa dançou por um bom tempo, chegou a ser bolsista em uma renomada academia de jazz dance nos Estados Unidos, mas também parou, por conta de uma lesão na coluna e para se dedicar a música. Começou a auxiliar o pai e traçou caminho próprio na produção musical.

A família voltou ao Brasil em 1978. A essa altura Gisèle atuava como maîtresse de balé no teatro municipal de Heidelberg, era reconhecida em diversos países na Europa. Claudio lecionava na Escola Superior de Música de Heidelberg e na Hochschule de Mannheim. O casal deixou tudo para trás e retornou a Brasília. Ele como chefe do Departamento de Artes da UnB e responsável por fundar a Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional de Brasília, e ela decidiu abrir a própria academia, convidou algumas alunas da Alemanha a vir também e estava cheia de planos para a capital.

Os dois arranjavam trabalho onde estivessem e se destacavam no que era feito. Gisèle e Claudio insistiam que os filhos estudassem música e dança para garantir que eles nunca iriam passar fome, mesmo em tempos de guerra, qualquer lugar que chegassem era só

colocar o chapéu e dançar ou tocar. Essa é a justificativa deles, que faz sentido, mas aquela coisa de querer que os filhos sigam os passos dos pais também cabe.

Claudio recebeu diversos prêmios no decorrer da vida, assim como Gisèle, sempre viajavam a Europa a convite de festivais e para visitar os filhos que estudavam fora. Lutavam juntos contra a corrupção e inveja, dividiam o peso da vida e se auxiliavam. “Ele sabia que eu fazia de tudo por ele, e eu sabia que ele fazia de tudo por mim, e ninguém cobrava nada.” A trajetória de Gisèle está completamente ligada a Claudio, e a morte dele foi como arrancar uma perna, ela não tinha como se sustentar.

Claudio Santoro morreu no palco, de infarto fulminante, durante um ensaio do *Concerto para Piano e Orquestra nº 2*, de *Saint-Saëns*. E desde o dia 27 de março de 1989, Gisèle deixou de acreditar em Deus, se revolta ao pensar nas obras do marido que seriam produzidas e que não conheceu, ficou ao lado do corpo embalsamado por três dias, até a chegada dos filhos para o enterro, em Brasília. Levou muito tempo para desapegar das coisas dele e não se desprende de tudo que o lembra, convivendo com Gisèle me sinto muito próxima a Claudio, é como se o velório não tivesse acontecido.

Desorientada com a morte de seu companheiro, Gisèle se agarrou a outra paixão avassaladora que tem: a dança. E em 1991 nasce o Seminário Internacional de Dança de Brasília. O evento acontece a 27 anos na capital, trazendo durante as férias de julho uma média de 20 personalidades de diversos lugares do mundo. Esses profissionais se dedicam aos bailarinos por um período de três semanas. O projeto é reflexo de um objetivo de vida de Gisèle, dar oportunidade aos talentos brasileiros, tão desvalorizados nesse país. Os artistas convidados a estar aqui são amigos de longa data, amizades

conquistadas nos diversos países e eventos de música e dança que ela passou no decorrer da vida.

O Seminário é um dentre os eventos que a maîtresse de balé se propõe a organizar, o projeto que é apresentado ao governo como Dance Brasil e envolve atividades artísticas para o ano inteiro. Contudo, a situação política é muito instável, a cada novo governo novas lutas são necessárias. Apesar de o Seminário ter entrado oficialmente na agenda cultural da cidade, a burocracia do sistema é complexa, a vida de Gisèle têm sido cuidar para que os eventos aconteçam, dar aulas e pagar contas.

ARREDORES DO ENFOQUE

O momento ideal para um retrato, o lugar, as cores e a luz fazem do fotógrafo um artista. Assim como na dança clássica, há uma pose específica e muito estudo para chegar ao lugar correto. Esta é a parte em que busco o retrato perfeito.

UM DIA DE TODOS OS DIAS

Entrei meio envergonhada pela porta aberta do apartamento 204, aquela porta só se tranca mesmo à noite. Gisèle diz às pessoas que entrem, pois é complicado ouvir sempre a campainha ou o interfone. O porteiro trabalha no prédio há vinte anos, conhece os pedidos da moradora e atende com atenção, diz que ela é sempre muito simpática. A casa é uma bagunça, com livros, fotos, jornais e obras de artes de vários lugares do mundo. O ambiente estava todo escuro, e isso devido à preocupação da dona em economizar energia. A porta de entrada leva a um longo corredor, cheio de armários entulhados de livros, papéis, fotos, CDs e as mais diversas coisas. Não havia um barulho sequer, cheguei a pensar que estava sozinha.

Na primeira porta à direita fica a sala. Como cartão de visita está o piano, lotado de porta-retratos em cada pedaço. Pensei em Claudio Santoro sentado aquele banco e tentei imaginar tudo que este piano trouxe para a música brasileira e para aquela família em particular. Vi o gato no sofá, deitado com indiferença a minha chegada. Observei então ela sentada em frente ao computador, no cantinho da sala, sem notar minha presença, absolutamente imersa no trabalho. Estava de azul, que é sempre sinal de bom humor, abriu um riso sincero, cheio de dentes e acompanhado de olhos quase fechados. Nos abraçamos e ela cobrou os documentos que tinha pedido. Entreguei.

Ela tem o costume de descrever os lugares que passou e os períodos como se fosse muito óbvio e quem ouve tem obrigação de entender e entrar no jogo imaginário. Cada história que conta tem uma referência de local e data, ela desenha o cenário do contexto até para contar um caso de infância. Por exemplo, o internato de freiras que estudava fica em Ipanema, a casa que morava fica no fim de Copacabana, próxima ao túnel novo. Gisèle tinha por volta de 11 anos

quando estudou lá e várias lembranças da infância e adolescência vieram desse lugar — sempre especificadamente citado.

Estar à frente do seminário exige muito tempo de Gisèle, que por meio da Dance Brasil tenta realizar diversas ações que incentivem a arte e cultura em Brasília. Sempre há um documento a ser assinado ou levado a algum lugar, um evento importante que ela precisa comparecer e um contato imprescindível a ser feito para que seus projetos aconteçam. A rotina de Gisèle é assim, o dia todo pairando entre o computador, o telefone, bancos, reuniões e visitas. E a noite vai para o teatro dar aulas. Recebe a ajuda de alguns amigos nesse rolo todo e de alunas bolsistas, inclusive eu, principalmente com caronas para que ela ande menos de ônibus.

Gisèle acorda sempre cedo e sem despertador. É acostumada a ter um sono de péssima qualidade, definido assim por ela mesma. Consegue os melhores cochilos em frente à televisão, ama programas sobre natureza e comportamento animal, mas também assiste ao jornal e a outras séries sobre os mais diversos assuntos. Às vezes apressa as aulas de balé para chegar a tempo de ver novela, mas só quando vale a pena, não são todas. Mesmo em frente à TV, a cabeça parece não descansar, como um computador que está sempre ligado. Imagino uma grande rede cheia de pontos e Gisèle relaciona e busca dar sentido a todos eles, um modo de pensar trabalhoso e até cruel. Atualmente, o caminho entre os pontos exige muito esforço, ela se esquece do menos importante, por exemplo, alguns objetos por aí, ou nomes de pessoas com quem não convive.

Não gosta de cozinhar e a tarefa na maioria das vezes é do filho Raffa, que mora com ela, ou da empregada, que trabalha uma vez na semana. Se ninguém cozinha, ela come frutas o dia inteiro, intercalado por pedaços de bolo ou um sorvete, que ela adora. Fica muito sozinha na casa e talvez por isso faça questão de sair. O ápice

do dia é quando Gisèle vai dar aulas no Teatro Nacional Claudio Santoro. Entra todos os dias por volta das 18h e sai às 21h30. Lá dentro consegue esquecer um pouco as tristezas da vida enquanto corrige o heterogêneo grupo de alunas por meio de gritos, alguns beliscões e discursos cheios de metáforas e ensinamentos. Diz que morre se tiver que parar de dar aulas. Acredito que ensinar seja a dose diária de realização do objetivo de vida dela.

Por vezes Gisèle precisa deixar de dar aulas por conta de algum problema de saúde, isso deve acontecer em torno de uma vez a cada dois meses. As alunas entendem, sabem que a idade complica muita coisa. As que são mais avançadas e mais próximas de Gisèle se revezam para substituí-la nas aulas intermediárias e iniciantes e as coisas vão fluindo até que ela se recupere, o que normalmente não leva muito tempo.

No ano de 2016 ela teve um início de infarto em uns dos primeiros dias do seminário de dança. Eu estava com as meninas da companhia dirigida por Gisèle Santoro filha, o Balé jovem de Brasília, quando recebemos a notícia. Houve um silêncio reflexivo, seguido de várias perguntas sobre como ela estava, como aconteceu, quanto tempo ela precisaria para se recuperar, o que poderia ser feito para ajudar etc. Quem contou para o grupo foi uma das alunas mais velhas, que estava auxiliando na organização do curso. Lembro de ficar muito preocupada com ela e com o futuro do seminário, acho que foi a primeira vez que pensei profundamente sobre isso.

No outro dia me encontrei com Gisèle pelo seminário. Nem sempre é uma boa ideia falar com ela durante o evento, é uma época de muito estresse, mas não pensei nisso ao abraçá-la. Apesar das recomendações de descanso de todos, e do médico também, ela estava lá para resolver alguma coisa. Essa situação é uma entre as centenas que eu poderia contar das vezes em que Gisèle Santoro se

mostrou extremamente forte, determinada e cabeça dura. Quando operou de catarata também não cumpriu todo o tempo de repouso, ao se sentir minimamente em condições voltou a dar aulas.

Também em 2016 ela machucou o dedo mindinho quando, despercebida, chutou um móvel. Precisou imobilizar o pé. Pouco tempo depois estava no banho, escorregou na banheira e trincou uma costela. Esses meses foram difíceis para ela, tempo de muita dor, pouco sono e sem poder ir dar aulas. As alunas também sentem muita falta, não importa quão boa seja a aula de quem está lá. Por mais que a tia Gi grite, fique irritada por motivos loucos e tire um bom tempo na aula para broncas e sermões, ela faz muita falta, quando não está parece um tempo de estagnação da evolução, muita gente nem vai e as aulas rendem bem menos.

Desta vez ela está com uma tosse persistente, o médico “muito novinho” que a atendeu receitou antibiótico e remédio para tosse, pois os sintomas são de uma infecção bacteriana. Ela ficou indignada com o remédio que não fez efeito, e temia que a doença atingisse o pulmão, o que pode ser fatal na idade em que se encontra. Levei duas rosquinhas de chocolate, Gisèle ama doces, principalmente sorvete. Não levei sorvete por que não sabia se ela podia ingerir comida gelada. Ao ver os donuts salpicados de chocolate granulado e colorido exclamou: “Nossa, que coisa mais linda!”. Saímos da sala de estar até a TV para desligá-la. Ela se sentou por lá mesmo.

Ao entrar na casa a vista é de um grande corredor, e à direita a sala de estar. A maioria das vezes que estive lá fiquei nesse espaço. O lugar é preenchido por móveis e estes cheios de objetos de decoração e porta-retratos. As paredes repletas de quadros com declarações, prêmios emoldurados e também pinturas em diversos estilos. No canto direito fica o computador, que divide o espaço com dois sofás e uma enorme mesa de centro (sempre cheia de papéis e também dos

objetos de decoração – alguns eu não entendo o que são). À esquerda começam algumas montanhas de documentos do seminário, boa parte da papelada fica ali, não é um lugar muito agradável de olhar. Mais ou menos ao centro e dividindo as duas salas fica o piano. Passamos pela coluna que fica próxima ao instrumento e também divide os dois ambientes, e entrei em uma zona nova da casa. Gisèle se acomodou em uma poltrona gigante que fica em frente à TV e me disse: “Senta aí!”.

Ela murmurou alguma coisa sobre os programas de TV e as notícias repetitivas dos jornais, mas logo se concentrou no doce que a aguardava. Sentou-se na poltrona e foi colocando as pernas confortavelmente para cima, se derramou no estofado enorme enquanto o recheio de chocolate escorria pelas mãos. Reconheci naquela imagem uma bailarina, o jeito espaçoso de sentar e de encontrar conforto com as pernas abertas. Apoiou um pé na mesa de centro à frente da poltrona e o outro na própria poltrona, recostando sobre um dos braços enquanto se virava para me oferecer o doce.

Com os dedos sujos de chocolate apontou para mim e disse em tom de brincadeira “olha o que você fez comigo!” e logo lambeu um por um, curtindo cada segundo enquanto eu ria daquela cena peculiar da minha professora de balé. Conversamos um pouco sobre as aulas da semana e quem iria substituí-la. Ela se levantou para lavar as mãos e beber um pouco de Coca-Cola “para digerir aquele doce todo”. Percebi o quanto aquele lado do cômodo é escuro, um contraste gritante com a parte da sala de estar que é sempre bem iluminada e arejada. Saí da pequena toca e fui para um dos meus lugares preferidos da casa dos Santoro: o piano.

Estava observando as muitas fotos que ficam em cima do piano quando o gato veio em minha direção, comecei a brincar com ele. Mas brincava com certa distância, ele me dá um pouco de medo, me

mordeu uma vez que tentei me aproximar. A dona dele voltou e entrou na brincadeira também, chutou um papel de bala de um lado para o outro e ele corria atrás. Aquele gato é importante para Gisèle, é uma companhia fixa e de espírito livre como o dela. Não vejo uma relação de posse, mas de respeito e parceria. Ela sempre fala do gato nas aulas e para os amigos, conta que ele só come se ela estiver do lado e que quando faz bagunça ela diz “Feio!” e ele se encolhe. O gato é fiel a Gisèle, não foge mesmo que as portas e janelas estejam sempre abertas, às vezes pede carinho para ela e encontra abrigo no colo quentinho.

Gisèle é mesmo muito acolhedora, dá colo com seu instinto maternal para quem gosta, e até para desconhecidos. Abrigou várias pessoas em casa, mesmo que não os conhecesse muito bem ou que não tivesse em boas condições financeiras. Gosta de estar acompanhada, a solidão a assusta e perturba. Talvez esse seja o motivo principal das reclamações, “você não tem ideia como minha vida é difícil”. O filho Raffaello é a principal companhia, mas por ser produtor musical e DJ ele viaja muito. O neto, Claudio Santoro, filho de Giselinha, que está morando com ela desde agosto, estuda na UnB e passa o dia todo envolvido com afazeres. As companhias dela ficam fora de casa ou, em visitas das alunas e amigos. Ela agradeceu-me com muito carinho pela visita, mal sabe o quanto me traz em conhecimento e reflexão em cada papo desses.

O QUE DIZEM DE GISÈLE

Estar em meio a um grande número de pessoas parece ser bem confortável para ela, que esbanja sorrisos e cumprimentos a todos, mesmo que não faça ideia de quem sejam. A figura simpática que estampa confunde as pessoas que só a conhecem pela fama de brava e

grossa. E essa fama é mais bem propagada que a simpatia e disponibilidade.

Muitas pessoas têm medo de fazer aulas com ela por conta do temperamento meio amargo. Continuam perto de Gisèle os que estão dispostos a aguentar mudanças de humor, grosserias e beliscões que são métodos que desenvolveu com as experiências na dança, e com as dificuldades da vida. As pessoas falam disso, principalmente as muitas que abandonaram as aulas por não conseguir lidar com ela. Algumas pessoas estiveram como espectadores de aulas e também propagam a fama da mulher que chama alunos de burros, que grita e não mede as palavras e as metáforas.

Para quem sobrevive aos primeiros desaforos à relação muda. No primeiro dia de um aluno na aula de balé de Gisèle ela normalmente não dá a mínima, não o corrige e muito menos elogia. Ela observa de rabo de olho, usando uma maneira peculiar para selecionar os alunos que são realmente apaixonados pela dança. Ela nunca quis uma sala cheia, mas sai radiante de qualquer aula com alunos apaixonados e dispostos a aprender. Para quem é um filho da dança da tia Gi, as brigas são provas de amor. Ser corrigido significa ser olhado e ter a confiança dela no poder de melhora. Tem um modo muito verdadeiro de se relacionar com os outros, e muita gente não está acostumada a isso.

Gisèle mal chega e é notada, presença que comove o ambiente, as pessoas a conhecem, pela boa ou pela má fama. O Sesc Presidente Dutra é um teatro pequeno, localizado no setor comercial na Asa Sul de Brasília. O hall de entrada estava ocupado em grande parte por fotografias de alguma exposição que ninguém notava. O espetáculo estava para começar, e enquanto isso as pessoas esperavam, conversavam sobre qualquer bobagem que viesse a cabeça, discutiam a situação política do país ou perguntavam umas as outras das

novidades da vida. Um pequeno grupo de pessoas se dirigiu a Gisèle, e ela entrou na roda.

Foi o momento de ser centro das atenções, recebida com abraços e cumprimentos saudosos. Uma pessoa se destacou e pareceu muito importante. Lila Carneiro é uma amiga de longa data, as duas se encontraram e não se desgrudaram até o fim do espetáculo. Davam as mãos e se abraçavam, pareciam duas crianças parceiras de travessuras. Com os cabelos branquinhos rentes à cabeça, olhos sombreados de azul e costas curvadas pelo tempo a amiga ia puxando assunto, em prosa lenta e riso solto. Lila elogiou a pele de Gisèle, que foi logo dizendo que sempre dizem isso a ela, desde jovem. Havia graça em quase tudo que falavam. Lila riu demoradamente quando Gisèle me apresentou como uma das masoquistas que fazem aula com ela, que está na fase sádica. Ela tem plena consciência e brinca com a própria severidade.

O assunto ficou sério quando começaram a falar da dança no Brasil, das dificuldades dos amigos que estão no Teatro Municipal do Rio de Janeiro e da tristeza que sentiam em ver tanta corrupção na política e tanto descaso com a dança do país. Gisèle contou do dia que teve uma crise de choro e de raiva ao saber que os funcionários do municipal não recebiam enquanto um prefeito do Rio, que foi eleito duas vezes, estava envolvido em corrupção. Logo ele que tinha uma “vida de sonho” que jamais vamos conhecer. O filho mais novo da Gisèle, Raffaello, dizia a ela: “Calma mamãe, você não foi diretamente atingida.” E ela contestava, todos foram atingidos. Lila concordou e repetiu a frase, as duas se lamentaram por isso. O assunto foi morrendo aos poucos, antes que a melancolia tomasse conta do ambiente, e logo as portas do teatro se abriram.

Sentaram lado a lado na primeira fila e Gisèle anunciou em bom tom: “Vamos ficar aqui para ver todos os detalhes!”. Os amigos e

conhecidos que estavam ao redor riram e em poucos minutos a peça começou. A expressão de Gisèle não escondia muito sobre o que achava, estava sempre balançando a cabeça em sinal de afirmação ao que era dito, quando parava, eu imaginava se ouvia bem ou se pensava em outra coisa. Se essas pausas duravam muito um pequeno cochilo acontecia, mas no caso dessa peça, foram poucas vezes.

Ao fim do espetáculo começou um debate com a autora e bailarina Eliane Carneiro, que enquanto agradecia a presença de todos ali parou o seu discurso para dizer: “Tia Gi, você está aqui!” apresentou Gisèle ao público como grande influencia na carreira dela, e enquanto se abraçavam Gisèle chorava emocionada. No caminho ao teatro me contava da aluna que Eliane tinha sido, sempre muito talentosa e expressiva, alguém que vale a pena mesmo ir assistir. E repetiu o discurso para todos dessa vez, disse que a garota, agora mulher, sempre teve algo de muito especial, e que foi uma honra ser professora dela.

Eliane agradeceu e comentou que não era lá das melhores alunas, não tinha um pé bonito para o balé, nem pernas altas, nem girava muitas piruetas. Gisèle a interrompeu para dizer que isso é de longe o menos importante, o que ela tem não se ensina, aquela presença no palco é de nascença. Essa ideia de presença é típica de Gisèle, ela acredita que alguma predisposição genética ou familiar faz de algumas pessoas mais artísticas do que outras, e isso ela não pode ensinar. Depende da entrega e da sensibilidade de cada um.

Eliane discordou, disse que há métodos e técnicas que ajudam nessa percepção e entrega. Posteriormente, quando falou mais sobre si, deixou transparecer certa angústia por não ter tido possibilidades para continuar no balé. Havia certa resistência em mexer no que passou e no que a dança clássica significa para ela, talvez por grande respeito a mestre que estava ali e a opinião dela sobre o balé, ou

alguma tristeza por não ter conseguido. A mãe de Eliane teve que parar de dançar aos 16 anos, depois de um acidente, e colocou toda a vontade e paixão pela dança e arte nas filhas. Gisèle se identifica com essa história, ainda mais por que a mãe de Eliane é Lila, o que explica o carinho entre as famílias e gerações.

Gisèle tomou o microfone mais uma vez para dizer “A gente não pode se perder nas superficialidades, eu via o que era importante na dança em você. Pé e pernas são ferramentas, mas dança é muito mais do que isso. A dança é um universo e a gente só tem que saber a qual planeta pertence. Marte não é mais importante que a Terra, nem o contrário.” Senti nas pessoas ao meu redor emoção e vontade de bater palmas, pois se instalou um enorme silêncio e a maioria mantinha as mãos juntas como se esperassem alguém para começar, mas ninguém começou. Algumas concordaram e responderam baixinho um “com certeza”, ou “isso mesmo” e muitos sorriram, inclusive Eliane.

UM RETRATO DELA EM MIM

O choro é corriqueiro para mim, mas lágrimas do outro têm um significado muito diferente. Vi Gisèle chorar poucas vezes nestes seis anos de convivência, e estas estão marcadas na memória, uma onda de pensamentos e sentimentos.

A primeira lágrima que vi cair foi em uma conversa sobre a dança no Brasil, uma conversa que começou fora da sala de balé minutos antes da aula, e que entrou e virou discurso. Eram lágrimas lentas e cheias, se acumulavam nos olhos e caíam em linha reta num ritmo arrastado. Gisèle tem sensibilidade ímpar, uma empatia que extrapola e que faz da dor de quem ela gosta a dor dela. Tem convicções tão fortes e certas, parece que pode dar solução para os problemas do

mundo todo. Sempre sabe o que dizer, mas naquele dia as palavras não bastaram. A aula de balé na hora do almoço une alunos antigos e muito queridos, ela se sente mais à vontade para falar e para demonstrar as tristezas e problemas.

Não me lembro exatamente das palavras, que roupa ela usava, nem quem realmente estava na sala, mas lembro da minha sensação de desespero. Olhar os bailarinos sendo desvalorizados é rotina, mas naquele dia percebi o valor que não era dado a quem fez tanto pela dança no Brasil, uma vida inteira de luta e ação e ver essa força esgotada, sem presenciar real mudança. Sinto-me responsável por continuar essa luta, mas tenho medo, é um salto muito grande para minhas pernas. Naquele dia chorei com ela, e pensei em desistir da dança. Mas depois, durante a aula ela me disse “Não sei quem te convenceu que você não pode ser bailarina, mas você pode fazer o que você quiser.” Ninguém nunca tinha me dito isso. Hoje consigo entender que o inimigo maior de cada pessoa é a falta de confiança em si, quase sempre precisamos do outro para acreditar que podemos ser algo. A tia Gi é diferente, ela sabe quem é e do que é capaz, e tudo que conquistou na vida está relacionado a isso.

A segunda vez que a vi chorar foi durante um ensaio do solo da Inara Ramos. O Seminário se aproximava e nós, alunas da Giselinha, íamos competir com vários solos. A aula estava para começar e foi a primeira vez que a Gisèle mãe viu a coreografia, montada pela filha, completa. Este solo é suave e alegre, e Inara consegue colocar uma inocência e beleza nos movimentos que emociona mesmo. Mas percebi que além da emoção da execução havia uma profunda comoção por ver a paixão pela dança que irradiava da aluna, acho que sempre que Gisèle vê isso em alguém ela lembra de si mesma, provavelmente pensa em tudo que a dança proporcionou a própria

vida e no poder que ela acredita que a arte tem de mudar o mundo. Ela chorava e ria.

O choro mais marcante e pessoal foi em um momento de grande alegria na minha vida. Na última edição do Seminário, neste ano, eu ganhei uma das bolsas de estudo, em uma escola muito especial e que pode me abrir muitas portas. A professora que me concedeu a bolsa fez uma pequena reunião com os bolsistas, e assim que saí as duas “Gisèles” estavam na porta, o Seminário é tumultuado para elas, e algum problema estava sendo resolvido na secretaria. A Gisèle filha me viu saindo da sala e entendeu o que estava acontecendo ali, fui até ela para contar e ela me abraçou em lágrimas. Logo ela olhou para a tia Gi e chegou bem pertinho para dizer: “Mamãe, a Ana Julia ganhou uma bolsa de estudos!” e no mesmo instante surgiram lágrimas e um sorriso gigante no rosto dela, que me abraçou tão forte e com tanto afeto que me fez pensar que não tinha como nada dar errado. Aquelas lágrimas foram resposta para a primeira vez que a vi chorar, me fez acreditar mais uma vez na luta, na arte e em mim.

A LUZ IDEAL

Gisèle me permitiu tirar um retrato perfeito, fomos para a cidade de Campos do Jordão, para um curso promovido pela São Paulo Companhia de dança. A maîtresse de balé foi convidada a dar uma palestra a respeito da própria história, e fui como assistente. Ficamos juntas por cinco dias, longe de casa e em um lugar cheio de lembranças. Foram dias com muito conteúdo e que me permitiram estar muito próxima a ela, como nunca tinha estado antes.

A ENTRADA NO TREM

A solidão é um dos sentimentos mais incômodos da humanidade. Somos seres extremamente sociáveis e dependentes. Gisèle gosta de companhia, e quando me ofereci para acompanhá-la na jornada para o Terceiro Ateliê Internacional da Dança, ela nem pensou duas vezes. A chateação foi grande quando não consegui comprar os mesmos voos que ela. Queria companhia o trajeto todo, alguém para ajudar no que era difícil e para conversar.

Fui encontrá-la na casa do filho do meio, Alessandro. O apartamento é lindo, ocupa um andar inteiro de um prédio no centro de São Paulo, na sala dois belos instrumentos. Sandro, como é apelidado, é professor de música e concertista. Ele toca cravo, a esposa toca flauta clássica, o filho mais velho violino e o mais novo gosta de pintura. Gisèle chegou dois dias antes do necessário para passar um tempo com os netos, com quem ela não convive muito. Quando cheguei, fui recebida com muitos sorrisos e simpatia, a família toda se empenhou em me oferecer um almoço delicioso. Sandro e Livia serviam os pratos de todos. A esposa é italiana e parece uma companhia perfeita para ele, a casa é uma mistura da cultura europeia e brasileira, assim como o próprio Sandro.

Dos filhos é o que menos tive contato, mas Gisèle fala tanto dele que parecia que nos conhecíamos. Sandro é a cara do pai e tem um jeito muito brincalhão de ser, sorrindo o tempo todo e fazendo piadinhas com tudo, até com a mãe. Meu breve tempo lá foi descontraído e calmo, conversamos coisas interessantes e Gisèle parecia mais confortável que o normal. O estado de presença dela é diferente com cada um dos filhos, não parece preferir a nenhum, mas é uma mãe diferente para cada, de acordo com as necessidades e escolhas deles.

Sandro parece ser muito paciente, e tentar manter distância das discussões e problemas. Mora longe dos pais desde muito novo, um filho um pouco mais distante e independente, que teve uma mãe mais saudosa. Giselinha tem uma personalidade muito forte, geniosa como a mãe. As duas enfrentaram momentos de desavenças por conta dos desafios de ter a mesma profissão. Mas a filha afirma que a mãe é a única pessoa em que confia profundamente no meio da dança. Uma filha bailarina que teve uma mãe professora. Raffa é o típico filho casula, um pouco mais dependente e apegado, esteve mais próximo à mãe, com um pouco mais de mimo e de bronca que os outros.

O motorista chegou para nos levar a Campos do Jordão, onde aconteceria o curso, e depois de alguns minutos para organizar as coisas, descemos. Achei bonito o jeito que se despediram, carinhosos e muito sensatos, a distância é rotina. Minha mãe chora em quase todas as viagens que faço, fui criada de modo muito diferente de Sandro, para o quintal de casa, e ele para o mundo. Claro que a idade e as condições de vida mudam muita coisa, mas toda a relação deles é diferente por conta deste aspecto. Gisèle e Claudio parecem ter entendido muito bem que os filhos não são propriedades privadas, os três são fortes e determinados com o que querem, ainda que tenham sido profundamente influenciados pela profissão dos pais.

Quando ela diz que uma aluna é filha da dança começa a exercer o direito de brigar, cobrar e educar, sem travas na língua. Assim que percebeu um detalhe na minha calça, disse que aquilo não fazia sentido, quem compra uma calça rasgada? Como isso pode ser moda? E assim, com tudo que discordava. Senti na pele o que é ser um dos filhos, com uma mãe professora e rígida. Mas o amor, a sinceridade e a fidelidade compensam todos os beliscões. Nada é mais precioso do que um relacionamento honesto, Gisèle estabelece seus laços assim.

ACOMODAÇÃO

Passamos a viagem inteira cochilando, Gisèle acordava algumas vezes e passava a observar o modo como o motorista dirigia, “estritamente dentro da velocidade, parecia um alemão!”. Depois de algumas horas chegamos ao hotel, no alto de um morro, um lugar aconchegante e tranquilo, rodeado de beleza por todo lado. Fazia um frio de 14°C. O recepcionista era bem simpático e ajudou com as malas até chegar ao quarto, no primeiro andar. Quando entrei me senti em um paraíso, com uma vista linda e muito confortável. Gisèle chegou pouco depois, e pareceu não se comover muito com o quarto, como quem diz: dá para o gasto.

Ela começou logo a desfazer a mala e a colocar as roupas em cabides, até que murmurou que eram poucos. Fui até a portaria pedir mais cabides. Logo o quarto estava com as coisas dela devidamente organizadas e distribuídas. Trocamos e descemos para esperar a condução que nos levaria até o Auditório Claudio Santoro, onde ela daria a palestra.

Gisèle foi me contando no caminho que descobriu que falava bem em público depois da morte de Claudio, foi convidada a dar muitas entrevistas e palestras. O auditório em Campos de Jordão homenageia o compositor, assim como um teatro em Cascavel e o Teatro Nacional de Brasília. Eu perguntei se ela estava nervosa, respondeu que não, sorriu suavemente e afirmou “sozinha não tem graça”. Naquele momento percebi que estava vivendo um pouco da rotina dela com Claudio e com os filhos, uma vida entre hotéis ou casas de amigos, teatros, aulas e compras. Estar sozinha em um lugar que é importante e que a faz feliz revive a lembrança ainda mais, dos tempos da preciosa companhia de seu esposo.

Enquanto atravessávamos pelas ruas e morros ela contava das vezes que visitara a cidade com Claudio. Grandes festivais de música acontecem ali e Gisèle tinha memorizado algumas boas lojas para compras e uns pontos turísticos. Sempre contava histórias do marido, inclusive sobre como ele sentia muito calor e ela muito frio, pediam duas camas de solteiro quando se hospedavam em hotéis, Gisèle dormia com vários cobertores e Claudio “praticamente pelado”, o que vinha mudando à medida que ele envelhecia. Voltar ao auditório que estivera tantas vezes com ele e que o homenageia mexeu com ela, ficou emocionada e sensível. Chegamos, e na entrada há um restaurante, as pessoas perceberam que ela chegou e começaram a observar, os conhecidos foram se aproximando.

A encarregada pela organização do evento veio até nós para desejar as boas vindas, agradeceu Gisèle pela presença e disse estar muito honrada em tê-la no Ateliê. Logo a diretora artística da companhia de dança que promove o evento se aproximou também. Inês Garcia é diretora da São Paulo Companhia de Dança, e tratou de nos receber e entregar uma mochila com uma camiseta do evento, uma garrafinha e alguns folders. Agradecemos e fomos indo ao restaurante pedir algo para o jantar. Havia uma mesa separada para os professores, e poderíamos pedir qualquer coisa, por conta do evento.

Gisèle não costuma jantar, mas abriu uma exceção em nome das delícias do cardápio, pediu um filé mignon e de sobremesa morango flambado. A essa altura eu me sentia um peixe fora d’água, não estou acostumada à mesa VIP. Mas aproveitei cada segundo e pedi exatamente o mesmo que ela. Começamos a ser apresentadas aos professores do evento, todos muito simpáticos. Depois do jantar começaria a palestra, estávamos com alguns papéis que eram o currículo dela, e só. Foi recebida pelo público com aplausos

demorados. Grande parte dos alunos de dança tinha por volta de 15 a 25 anos, acontecia também um curso para professores e outro curso para jornalistas e fotógrafos. A maioria das pessoas era de cidades próximas a São Paulo e o evento foi patrocinado pelo governo e pelos apoiadores da companhia. Os alunos não tiveram gastos com as aulas e o alojamento, somente transporte e alimentação.

As pessoas estavam muito abertas a receber o que Gisèle tinha a contar, participavam ativamente com risadas, sussurros e olhares atentos. Ela puxa atenção, consegue ser engraçada e profunda ao mesmo tempo, as pessoas amam isso. Começou a palestra chamando todos a se sentarem mais perto dela, que estava em cima do palco. A única atitude que demonstrou um pouco de nervosismo foi agonia com o local e como estaria na hora da palestra. Pediu para chegarem a mesa mais para frente e que colocassem a cadeira ao lado. Quando finalmente todos estavam acomodados, a senhora de pouco mais de um metro e cinquenta e quilômetros de histórias começou a falar.

Para mim, que leio muito sobre a história dela e a ouço muito também, não havia grandes novidades. Contou da infância, do primeiro marido, Vinícius de Moraes, Bossa Nova, primeiras professoras e a entrada no balé. Demorou-se nessa parte, explicando com calma sobre as barreiras que enfrentou, como se sentiu e o que a fez continuar. A plateia mal piscava, estava submersa na força do que ela dizia e na forma com que isso pode fortalecer quem ouve. Eu também estava. Ouvir Gisèle me é mais eficiente que ir a igreja, ela planta uma fé muito particular e poderosa. Uma sensação ligada a autoestima, que não depende de nenhum dogma ou ritual. É acessível e é seu.

Gisèle ignora os rótulos e os limites, por que não parte de um padrão, incentiva as pessoas a buscarem fazer o que gostam, com toda a dedicação e o amor possíveis. Ela garante que o resultado chega.

Falando assim isso até parece uma palestra de autoajuda, mas não foi. Ela contou a própria história. É claro que a multidão olhando a fez esconder alguns detalhes mais sinceros, que eu tive a chance de ouvir em outros momentos. Ainda assim, era ela, e entendo que às vezes uma pessoa consiga ser honestamente ela mesma quando está no palco, ela passou tanto tempo lá que aquele lugar virou casa.

Não contou muito sobre o Claudio ou os meninos, estava mais concentrada na dança, devido ao público que a assistia. Relatou a experiência como bailarina, como professora e falou um pouco sobre a carreira da Giselinha, que ela sabe que é um pouco dela. Acho que poderia falar por mais algumas horas, e nós poderíamos ouvir também, mas o tempo acabou, e tive que avisar.

As pessoas aplaudiam entusiasmadas, e foram convidados a subir no palco para tirar uma foto. Depois da foto oficial ficamos por volta de uns 30 minutos lá, tirando foto dela com alunos e professores, que recebiam palavras de incentivo e brincadeiras. Houve um momento em que, do nada, um círculo se formou ao redor dela para ouvir o discurso, que agora era claramente motivacional. A palestra estava continuando em cima do palco, dessa vez com o público lá. Os funcionários do teatro começaram a pedir que as pessoas se retirassem, e foi aí que ela recebeu um abraço coletivo. Umas vinte pessoas dançantes, inspirados e fervorosos ao redor dela, que transbordava alegria.

Fomos embora com a van que buscava os professores, o cansaço era mais forte que a vontade de falar, silêncio absoluto até o hotel. Ao chegar conversamos algumas besteiras e Gisèle começou a batalha para dormir. Preparou com calma o ambiente e então se embrulhou como um bebê, só a cabeça para fora. "Boa noite querida." Meu sono é profundo, ainda mais quando estou cansada. Gisèle contou que acordou de hora em hora durante a noite, o cobertor estava grande

demais, o quarto estava frio, ela sentiu câimbras e o sono não chegava nunca. Eu não vi nada disso, acordei na manhã seguinte com o despertador, ela estava pronta para o café da manhã.

Depois de alguns minutos descemos e nos deparamos com as mais variadas e deliciosas opções, vários tipos de pães, bolos, queijos e tudo o que há de bom. Mas faltava banana, que é religiosamente a primeira refeição do dia de Gisèle. Ela reclamou um pouco, mas ficou satisfeita com as outras delícias por lá. Passeamos pelo jardim e fomos à portaria esperar o motorista. Os outros professores estavam em um hotel diferente do nosso, não se sabe o motivo. Mas sempre que entravam diziam bom dia, faziam algum comentário e pronto, íamos em silêncio até lá.

Andar de van em Campos do Jordão pode não ser a experiência mais agradável do mundo, curvas, subidas e descidas a toda hora. Depois de um café da manhã caprichado, eu e Gisèle chegávamos passando mal, praticamente todos os dias. Esse primeiro dia foi de adaptação, estávamos entendendo o que era o curso e como tudo ia funcionar. Eu não sabia muito bem o que fazer, estava aflita em deixar a Tia Gi sozinha. Em dois minutos ela se enturmou e eu resolvi ir fazer a aula.

ROTEIROS DA VIAGEM

Várias pessoas chegavam a mim para perguntar se a maître daria alguma aula. Estavam fascinadas por ela, queriam saber mais e Gisèle aproveitava dessas oportunidades para falar do seminário. Assim, foi começando a se aproximar de um grupo de pessoas que faziam o curso para professores no ateliê. Todos a conheciam, mas ela não sabia o nome da maioria. Conversavam por horas e planejaram várias coisas juntos. Isso no primeiro dia. Gisèle praticamente não se

aproximou dos professores do evento, talvez por serem um pouco mais fechados. Ela estava próxima mesmo dos alunos e do dono do restaurante, que tratava ela como rainha. Aquele era o ambiente e as companhias de sempre, no restaurante conversando com as pessoas. Às vezes saía para assistir as aulas ou ensaios, e por aí vai.

Quando tivemos um tempo livre fomos ao centro fazer compras. Conheci um pouco do lado gastador dela, mas tudo estava muito caro. Compramos meias para ajudar no frio e uns chocolates. Andar por aí é muito bom, a conversa fica mais variada, o caminho vai inspirando os assuntos e falávamos de arquitetura, do clima, de comportamentos ou qualquer outra coisa que viesse à cabeça. Gisèle tem simplicidade para ser, e dificuldade para estar. Tem uma essência firme, como se fosse a mesma desde quando nasceu. Mas é complicado estar no presente, estar errada ou estar com a idade que está.

Ela sempre aconselha as alunas a não ficarem velhas, e quando perguntamos como, ela responde “morre antes, ué!”. Não se entrega ao cansaço, nem do corpo e nem da cabeça. Insiste em ser quem sempre foi, e por isso o seminário acontece todo ano, com dinheiro ou sem dinheiro. Mas reclama, e muito, das limitações que por vezes a vencem. Hoje em dia Gisèle não tem mais a mordomia que tinha, não tem condições de trabalhar no mesmo ritmo que sempre trabalhou, não tem mais o marido e os filhos vivem distantes, até o que mora com ela. Sempre diz que com o mesmo capital inicial as pessoas podem fazer render muito dinheiro ou gastar tudo. Levando a história literalmente ela seria quem gasta tudo, não sabe fazer o dinheiro durar ou render. Mas se o dito é entendido como metáfora, Gisèle faz até o que parecia impossível com a própria energia e com as pessoas dispostas a ajudar.

A organização do seminário é complicada, exige muito dinheiro e tempo. E Gisèle não organiza só o seminário, vive envolvida com

atividades políticas, com as aulas que leciona e com eventos que acontecem por Brasília. Mas o seminário é o coração disso tudo. Ela recebe muito pouco financeiramente, mas o prazer que sente ao realizar o evento é impagável. Nada a fez mudar de ideia, e é tanto amor depositado nisso que as pessoas colaboram. Presenciei esse momento nas conversas dela com os colegas. Muitas pessoas se oferecem para trabalhar, de graça. Gisèle gasta tudo que tem para oferecer oportunidades para os talentos brasileiros, e encontra malucos dispostos a isso também, em qualquer lugar que chegue.

Ela criou o evento um ano depois da morte de Claudio, o seminário é uma semente de realização e felicidade, em um solo que estava tomado por revolta e tristeza. Este poderia ser o terceiro grande amor da vida, que une os outros dois. Durante o mês de julho Gisèle fica totalmente imersa na dança e coloca em prática o que também era a realização do marido: alimentar a arte em Brasília.

Durante os dias do evento em Campos do Jordão o seminário era sempre assunto e ela conseguiu parcerias com festivais em Franco e Ribeirão Preto. Ficou muito alegre quando a São Paulo Companhia de dança chegou à cidade, pois uma antiga aluna, bolsista do Seminário, é parte da companhia. Letícia Forattini é sempre lembrada, Gisèle a cita nos exemplos de alunas que se importam, pois sempre manda notícias e os programas de apresentações. Além disso, Letícia é o exemplo de bailarina que não tinha muitas possibilidades físicas, mas teve garra para lutar pela dança e fez uma carreira de sucesso na Alemanha, voltou há poucos anos e logo entrou em uma das maiores companhias de dança no Brasil e permanece ainda hoje.

Letícia é muito carinhosa, e ficou muito feliz em ver Gisèle. As duas papearam por todo o jantar, contando das novidades e coincidências da vida. A conversa era cheia de respeito e de doçura, se abraçaram várias vezes e riam das boas lembranças. Olhar para os

trajetos que ajudou a construir é com certeza um dos maiores prazeres de Gisèle. Há pessoas constroem impérios, fama e novas invenções, mas ajudar na formação do ser humano vai ser sempre a mais nobre função, pois dá origem a todas as outras. Ser professor é uma chance de dar ao mundo uma nova oportunidade e de oferecer novas oportunidades que abrem portas para o mundo.

A rotina de cada dia era muito variada, sempre com coisas novas acontecendo. Um dos momentos que pensei estar próxima do retrato ideal foi durante uma entrevista de Gisèle a funcionários do Auditório Claudio Santoro, na última tarde que estaríamos lá. Pela manhã aconteceu um passeio guiado pelas obras do Museu Felícia Leirner, e antes uma breve explicação sobre Claudio e obras. Quando entramos no auditório o guia começou a ficar nervoso, ele sabia quem era Gisèle, e ela se sentou ao lado dele para ouvir melhor. Esteve bem humorada e participativa por todo o passeio, e por ter se mostrado tão acessível, foi convidada a dar esta entrevista, que poderá ser usada para diversos fins socioeducativos do auditório.

Eram três homens simpáticos, que se revezavam para perguntar curiosidades sobre a vida do Claudio e da família. Uma simples pergunta gerava vários minutos de histórias e acontecimentos, e todos eram pacientes ouvintes. No momento em que ela contou como era o processo criativo do Claudio, começou a chorar. Falava com tanta paixão e energia que todos da sala começaram a se emocionar também. Foi um momento intenso e sensível, com palavras poéticas, declarações de amor e de raiva da morte. Ela demonstrava prazer em ser ouvida e em contar sobre seu grande amor. E terminou com uma das frases que repete sempre, e com a mesma convicção. “Sou uma pessoa extremamente privilegiada, tive pais ótimos, dois maridos incríveis, três filhos lindos, que não bebem

e não fumam. Tenho amigos que me amam e fiz o que mais amo durante toda a minha vida.”

O conviver é cansativo e espinhoso, houve dias que desejei que Gisèle reclamasse um pouco menos ou cobrasse menos das pessoas e dos lugares. Mas estar perto me ensinou centenas de coisas novas todos os dias. Refleti muito sobre os privilégios e torturas da velhice, sobre modos para o bem viver, sobre a dança, as pessoas e muito sobre o amor. Assisti de perto o poder da sinceridade e também da politicagem, entendi dores dela e algumas minhas também. Dar-se ao trabalho de conhecer alguém pode ser muito mais próximo do autoconhecimento que se imagina. Foi um tempo presente.

DIGA X

Na última noite os participantes apresentaram uma coreografia, que foi montada durante os dias do curso, para a cerimônia de encerramento. Gisèle cochilou durante praticamente todo o espetáculo. Ao final, foi convidada a ir ao palco com os professores do evento para o agradecimento. Logo o palco virou lugar para os cumprimentos. Começaram as conversas motivacionais, fotos e toda aquela multidão em volta dela mais uma vez. Várias bailarinas chegavam a Gisèle para contar que pensaram no “Me espera!” antes de entrar no palco e ela ficava radiante ao ouvir isso. Chamou uma menina negra no canto e disse que os desafios dela seriam ainda maiores, que ela tinha que dançar também para conquistar o lugar da raça nos palcos e quebrar os preconceitos. A garota saiu muito emocionada, e tenho certeza que vai se lembrar disso como um trampolim para o crescimento. Levou um bom tempo para conseguirmos nos despedir de todos.

Gisèle estava emotiva e calma, como se flutuasse naquela sensação. Ao chegar ao quarto, começou a arrumar as coisas e conversávamos sobre tudo que aconteceu. Ela deixou a mala, e se sentou na ponta da cama, usava um pijama dourado claro com bolas brancas e um suéter vermelho por cima. Tinha um olhar distante e respiração lenta, o que normalmente não acontece. Começou então a refletir sobre si. Pensou na mãe, no pai, nos casamentos, em cada filho e nos caminhos que escolheu seguir. Ela ia me contando, mas sem o tom de entendido, compartilhou comigo uma reflexão nova, que nascia naquele momento. Criava uma relação entre tudo, sorria e interpretava também com as mãos. Ela mesma se perguntava, e ficava tranquila com o que não podia responder por hora.

Foram minutos lindos de se presenciar, não era o conforto da própria casa era conforto na própria pele. Não havia plateia, nem motivo para se exibir. Ela estava próxima a essência, assumindo 78 anos de experiências, de lutas e vitórias. Não chorava, mas derramava o próprio orgulho. Era como se eu nem estivesse ali e aquela fosse uma conversa com um espelho. Este momento foi para mim um retrato fiel de vida. Uma mala aberta, um cenário suave e simples ao fundo e uma mulher em processo de crescimento e amadurecimento.

Eu vivo pela evolução no pensar e no relacionar. E o consolo está na certeza de que isso nunca acaba. Cada ano pode ser considerado um peso que leva para baixo ou um degrau. Este retrato memória ficará em minha cabeça, acompanhado de toda a busca que exigiu, tantas voltas para chegar a um olhar tão simples. E entender que a vida é crescente, e que cada segundo é precioso. Gisèle é tudo isso, todos os retratos que moram na lembrança, os momentos, pessoas e decisões. Naquela noite de sábado, presenciei uma fotografia de corpo e alma, um instante que deveria estar no álbum da vida.

Com essa foto eu digo ao mundo que ela é uma mulher incrível, que usou das oportunidades que teve na vida para ser melhor e fazer bem para os outros, que não teve medo de ser feliz e de acreditar em si. Mas também nessa foto há a dureza de ser um artista, a solidão que o caminho da dedicação e entrega total a arte pode trazer, às dores da velhice e a falta real de uma pessoa. Mas principalmente, com esse retrato quero mostrar que Gisèle Santoro está viva. A maior riqueza não é o passado, é o presente. As ideias e habilidades que possuí, por ter vivido todos os instantes de 78 anos, cabem ao agora. Nem antes e nem depois.

Houve um momento em que ela se calou, como se tentasse guardar tudo aquilo na cabeça. Lembrei-me de uma experiência que vivemos no dia anterior. Os alunos do Ateliê foram convidados a fazer uma performance, estavam todos lá em um grande círculo, rindo e dançando enquanto um dos professores fazia a percussão. Gisèle estava em baixo de uma árvore, atenta as nossas coisas, enquanto eu entrava na bagunça. Ela não aguentou muito e foi para o meio da roda, dançando e sorrindo com uma energia que levou as pessoas a se animarem e aplaudirem ainda mais, todos surpresos com o rebolado e ginga dela. Em poucos dias ela conseguiu ser muito querida para aquelas pessoas, mesmo que não tivessem nem ouvido falar dela antes.

Estar com Gisèle nesse momento de barulho e exibicionismo foi o contraste perfeito para o momento de silêncio e simplicidade que passávamos. Um artista precisa de público, mas uma pessoa só precisa de si e de quem esteja realmente disposto a dividir a vida para fazer arte. É claro que o aplauso é precioso e significativo, mas muito melhor é ter quem realmente te ame, apesar das limitações e defeitos que todos temos. Interpretar é maravilhoso e auxilia o ser humano na

existência, mas assumir a vida, com todas as dúvidas, tristezas e angústias, é muito mais complexo que qualquer grande papel.

Não há como apresentar alguém que vive como um processo concluído, ou uma informação pontual, só reticências. Apesar das características que nos formam e acompanham por todo o trajeto, as pessoas mudam como a própria natureza, uma dinâmica misteriosa e única. Desejo um futuro de aprendizado e escuta para Gisèle Santoro. Que mantenha a força, coragem e solidariedade. Mas principalmente, que não deixe o amor próprio e a verdade nas relações e atitudes, que não se renda a futilidade das imagens mesmo que isso continue a afastar pessoas. Que ela continue rodeada de quem realmente a quer bem e aceita os desafios de viver na sinceridade. Escolho uma frase para nomear este retrato dela, utilizando das mesmas palavras do irmão mais velho, que dizia assim aos amigos durante a infância: “Esta é minha irmã Gisèle, cuidado que ela bate!”.

GALERIA DE MOMENTOS

Esta é a parte em que a imaginação ganha uma forma visual. Com fotografias do arquivo pessoal de Gisèle, de um ensaio especialmente feito para este perfil pelo fotógrafo Henri dos Anjos, e registros dos momentos em Campos do Jordão por Beatriz Fidalgo, Joseph Arena e Ana Julia Paiva. Estas imagens carregam uma história, que já foi introduzida previamente nas palavras dos capítulos anteriores. Contudo, as distintas interpretações que proporcionam são formas de retratar, e passo esse desafio adiante. Depois de um momento em que olhei devagar para Gisèle, deixo aqui esta proposta. Levando em conta que, no fim das contas o retrato é um pequeno espelho e se analisado com cuidado, tem muito a ensinar.



























